

**O COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO: PROPOSTA DE RATKE E DO
NEOLIBERALISMO
SANDINO HOFF**

INTRODUÇÃO

A conferência sobre o tema “Educação para Todos”, realizada em Jomtien, na Tailândia, em 1990, deu origem às medidas educacionais adotadas no “Plano Decenal de Educação para Todos”, apresentado pelo Governo brasileiro em Nova Delhi e ali aprovado pela UNICEF e pelo Banco Mundial. Estas duas entidades internacionais convidaram para o encontro os 9 países mais populosos do Terceiro Mundo - Tailândia, Brasil, México, Índia, Paquistão, Bangladesh, Egito, Nigéria e Indonésia - que, juntos, possuem mais da metade da população mundial. Especificamente, as discussões giraram em torno da universalização do ensino básico e da erradicação do analfabetismo, com vistas à promoção da equidade social.

No “Plano Decenal de Educação para Todos” e em todos os outros documentos sobre a educação no Brasil, emanados das duas conferências, está explícito que a educação mais uma vez é chamada para salvar a sociedade. Para tal intuito, são propõem-se estratégias: mobilizar a sociedade em torno da qualidade e equidade na educação; garantir recursos financeiros para ao ensino fundamental; incrementar investimentos privados para programas educacionais inovadores; e redefinir funções, competências e responsabilidades.

O discurso oficial sobre “educação para todos” remete a temas educacionais criados em séculos anteriores, hoje repostos em novos patamares da formação social. Não se trata de retomar aqui o presentismo (Robinson, Berard, Becker e outros); trata-se, sim, de averiguar o que de passado está presente no presente. Alguns destes temas do passado, presentes na educação neoliberal, estão inscritos na pedagogia de Wolfgang Ratke no começo do século XVII.

Clarear as idéias e práticas educacionais do pedagogo alemão, através dos holofotes da atualidade, tem algum significado? Mas, que importância tem visitar o pedagogo alemão à época em que a tendência do capital para a auto-valorização era limitada e chocava-se com os obstáculos impostos pelo débil desenvolvimento da estrutura técnica do trabalho, e deslocar suas propostas e práticas educacionais para os tempos em que impera o capital financeiro a fim de torná-las públicas em língua portuguesa? A resposta à esta indagação depende de uma terceira pergunta: Que características educacionais ou formas escolares, criadas pelo pedagogo alemão, sobreviveram através dos séculos ou foram recriadas após terem sido abandonadas?

Abstraindo toda e qualquer forma de presentismo, justifica-se uma resposta positiva às duas primeiras questões à medida que Ratke, fundado no método de Descartes e dos empiristas ingleses, foi o precursor de Comênio; à medida que ele e Comênio inauguraram uma prática educacional renovadora e tiveram suas propostas efetivadas plenamente em séculos posteriores quando as nações se preocuparam em

criar sistemas educacionais de ensino e, em tempos atuais, quando a crise, por que passa o capital, tenta manter a valorização do capital; à medida que Ratke pretendeu a universalização do ensino em nome da religião reformada, a luterana, objetivando percorrer caminho idêntico ao da Ratio Studiorum da Contra-Reforma. A terceira questão é assunto deste estudo.

Ratke trabalhou a vida toda para instalar seu “Método” ou sua “Arte de Ensinar”, contidos em 28 livros escritos por ele, nos diversos principados e condados de língua alemã. Foi incansável no empenho de apresentar seu “Método”, em instalar programas escolares e produzir livros escolares. Em todos os encontros, conversas e negociações, partia sempre de uma frase, contida também no “Memorial de Frankfurt”, escrito em 1612: é fácil aprender!

Ele nasceu em 1571 de pais classificados oficialmente de “burgueses honrados” luteranos. Esteve vários anos em Londres, Amsterdam e Frankfurt depois de formar-se e antes de começar as suas publicações e suas atividades escolares. Dominava a língua inglesa, o latim, grego, hebreu, caldeu, árabe, holandês, espanhol, italiano, francês e, evidentemente, o alemão.

As brigas entre católicos, luteranos e calvinistas impediram, muitas vezes, a sua ação pedagógica. No entanto, em toda parte repetia a sua bandeira de luta e duas frases fundamentais, frases que todo ser humano da atualidade já ouviu muitas vezes: “Nenhuma criança sem escola!” e “Educação para todos!”

A pedagogia de Ratke, representante do pensamento burguês em épocas ainda marcadas pelo feudalismo alemão, produziu temas e práticas educacionais como conquistas definitivas, adaptadas às novas situações históricas que as acolhem: a administração estatal, educação para todos, ensino público, obrigatório e gratuito, a participação intensa da sociedade, a economia de tempo e de recursos, o método intuitivo de ensino, distribuição gratuita de manuais didáticos para efetivar a arte de ensinar.

Neste estudo articulamos a proposta educacional de Ratke com a dos tempos neoliberais, devolvendo a ambas a seus locais de nascimento e aos conflitos travados em ambas as formações sociais. Isso será analisado a partir de duas dimensões que se relacionam: o compromisso com a escola pública para todos e os parâmetros educacionais. Ambas ligam o pensamento de Ratke aos tempos atuais. Iniciaremos abordando os nexos e as relações que ocorreram no interior da abordagem educacional do pensador alemão. Finalizaremos com a busca do que denominamos “tentativa de estabelecer o pensamento único na sociedade” ou seu equivalente “tentativa de proceder à pedagogização da totalidade social”.

1. A PEDAGOGIA DE RATKE.

Neste trabalho, vamos nos ater somente a alguns parâmetros da pedagogia de Ratke, pois, outros já foram analisados em estudos anteriores¹. A verdade é que Ratke é um pedagogo desconhecido no Brasil.

¹ HOFF, S. A Pedagogia de Ratichius: expressão da consciência social formada na manufatura inicial. SBPC, 1999.

HOFF, S. O Método de Ratke: origem dos temas pedagógicos utilizados em tempos neoliberais. IX Jornadas de Historia de la Educacion. Quilmes, Argentina, 1999.

Quando o pedagogo alemão objetiva organizar a educação para todas as crianças e todos os jovens nos principados, palatinados e condados no começo do século XVII, percorrendo o solo alemão com este objetivo, instituindo seu método de ensinar, sendo bem e mal compreendido, enfrentando obstáculos, fracassando e tendo sucesso, os seus objetivos sempre apontaram para:

- As **funções do Estado**. Ratke organiza uma escola do Estado. Lutero, em 1520, tinha adaptado o Estado às realidades da Reforma; Ratke, em 1620, coloca a igreja sob o domínio do Estado e a escola na dependência da igreja: “As escolas devem estar organizadas à imagem do governo” (Ratke. As Funções do Soberano);

- O uso do que Gilberto Luís Alves denomina “**barateamento do ensino**”. Conforme Alves, a escola de Comênio tem a imagem da forma manufatureira de produção e com esta também a tentativa de objetivar o trabalho docente e de tornar mais barato o ensino. Ratke, como predecessor das idéias do pedagogo morávio, escreve: “Também é muito barato o fato de que os rapazes sejam colocados na mesma sala, ao mesmo tempo e juntos aprenderem a mesma coisa” (Regulamento de Weimar)

- O **Método**. A pedagogia de Ratichius propôs para o ensino o que ele denomina “O Método” ou “A Arte de Ensinar”. Vinte anos antes de Comênio, multiplicou salas de aulas nas regiões de língua alemã a partir deste método e proclamou a universalidade de sua “Arte de Ensinar”.

Enquanto origem, sua pedagogia e seu método são anteriores aos de Comênio. Antes do pedagogo morávio, estabeleceu

- o que mais tarde se denominou “escola única”;
- uma organização escolar em que se aplicava um programa de diminuição dos custos na educação;
- o ensino mútuo. Pôs em prática, bem antes de Lancaster e Bell, a seguinte norma: “As letras, as sílabas, as frases e as leituras devem ser ensinadas em conjunto; os alunos mais engenhosos podem ajudar os menos instruídos; as melhores cabeças ajudem os que tem mais dificuldades. Os professores devem aprontar mais rapidamente os melhores com o intuito de estes poderem ajudar os colegas. E com os mais atrasados os professores devem tentar uma forma de aceleração com a ajuda dos colegas mais instruídos” (A Arte de Ensinar).

2. O COMPROMISSO COM A ESCOLA PÚBLICA PARA TODOS

Para o pedagogo alemão, as escolas tinham a tarefa de formar fiéis servidores do Estado e de construir na juventude os fundamentos inquebrantáveis de uma fé única que asseguraria para todos a prosperidade temporal e a felicidade eterna, expressa na seguinte idéia: “O soberano deve ordenar que todas as

crianças sejam instruídas principalmente na leitura, na escrita e no cálculo. Estes três ensinamentos formam a base de todo estudo sério e são absolutamente necessários à vida prática” (As Funções do Soberano, cap. VII).

O objetivo de seu “Método” era adaptar o ensino às novas necessidades da reprodução simples do capital e isso exigia a luta por uma língua alemã pura e única, necessária para a religião e para uma pátria unificada.

A universalização do ensino é o primeiro tema de sua pedagogia e está inserida em vários livros. Encontra-se, por exemplo, no “Tratado de Administração Escolar”. Nele Ratke adverte: “A boa educação deve ser dada pelos pais e mestres da escola. Deus o ordena e a autoridade secular há de erigir escolas públicas”. (Cap. XIX e VII). Em “O Regulamento do Ensino de Köthen para o novo Método de Ensino”, reafirma a mesma idéia: “Todas as crianças, sem exceção, devem estar na escola” (Cap. II, art. 17). Em “O Regulamento de Weimar”, um regulamento escolar elaborado em 1619 por Kromayer, à base dos livros de Ratke, prescreve:

Todas as crianças, todos os jovens, devem com toda a seriedade serem mantidos na escola. Os pastores e os professores devem esforçar-se para que nas aldeias e nas cidades todos aprendam a ler, escrever e contar. É obrigação do Estado e dever de toda a comunidade” (Regulamento de Weimar, art. 16).

Um segundo tema da pedagogia raticiana: a responsabilidade da “escola para todos” é do Estado. Define as funções do Estado: “Denomina-se administração, o governo que o soberano deve organizar e guiar conforme a palavra de Deus. (...) Ele detém esta função de Deus e deve exercê-la com todos os cuidados necessários” (As Funções do Soberano”, cap. VII).

A escola é tarefa do Estado. Em 1622, Ratke escreve: “A educação da juventude pertence unicamente à autoridade superior política” (Ratke. Ap. THIELE, p. 266). Ao Estado não compete apenas a iniciativa de criar escolas mas também a responsabilidade da organização administrativa e pedagógica do ensino” (Funções do Soberano, cap. I, II, III e IV).

Mas, o compromisso com a escola era partilhado por todos. A chamada à escola, por exemplo, era feita com os meios de comunicação mais eficientes da época: “É dever do pastor anunciar do púlpito o início das aulas e citar o nome de todas as crianças em idade escolar” (Regulamento de Weimar, art. 1º).

Ratke preocupou-se em dar efetivo encaminhamento à prática escolar, propondo que o soberano nomeasse uma delegação de quatro pessoas para assegurar o caminho regular da escola, pessoas julgadas as melhores, as mais sábias e as mais representativas da burguesia; estas controlavam as atividades escolares em todo o território e inspecionavam os serviços escolares da igreja. Sua missão era favorecer “a glória de Deus e a felicidade do país” (As Funções do Soberano, cap. VII). No mesmo livro e capítulo se lê: “Todo seu governo depende e resulta da escola. A cada dia, a escola assegura a perenidade do governo. (...) O desenvolvimento escolar propicia uma grande transformação do governo”. Em 1628, no item “Queixas”, Ratke foi decisivo: “As escolas devem ser organizadas à imagem do governo”.

As quatro pessoas indicadas pelo soberano para verificar diretamente o funcionamento dos estabelecimentos de ensino deviam criar um corpo de inspetores, recrutado entre os membros do Conselho ou da burguesia, tementes a Deus, afáveis, experimentados e possuindo senso público (V. As Funções do

Soberano, cap. IV). Pela primeira vez, depois da Idade Média, a inspeção e o controle das escolas escapam à igreja.

A prática de atribuir ao governo a fundação, direção e manutenção das escolas começou a surgir no começo do século XVII. Foi Jean Bodin em seu “Discurso ao Senado e ao Povo de Toulouse” que colocou pela primeira vez o problema da educação pública com uma escola única e ensino comum: “Gostaria que as crianças de todos os cidadãos, a qualquer categoria que pertençam, se forem dotadas para as Letras, recebam uma educação e uma instrução dadas conforme um método oficial num colégio público. As crianças que não são dotadas para as Letras, receberão uma educação profissional. E os bem dotados se beneficiarão de uma educação prolongada, às custas do Estado” (Discurso, p. 57)

Ratke tem a mesma opinião: cabe ao príncipe cuidar da formação das crianças e dos jovens; ele deve cumprir o dever do Estado. Provavelmente Ratke conhecia o Discurso de Bodin. Assim, para o pedagogo, o primeiro cuidado do soberano é escolarizar todas as crianças, sem exceção. Todas, ricas e pobres - estas sustentadas materialmente pelo Príncipe - devem passar obrigatoriamente pela escola pública para aprender as noções elementares, indispensáveis para o verdadeiro cristão. O segundo cuidado que o soberano e sua esposa devem ter é que nenhuma criança pobre seja negligenciada ou que abandone a escola. Prescreve, também, que todos os alunos dotados possam prosseguir sua escolarização em estabelecimentos de estudo mais avançado, graças à atribuição de bolsas e de auxílios.

Um quarto tema da pedagogia de Ratke são os recursos financeiros. Propõe um “Método de Ensinar” que seja menos dispendioso. É o que consta no Regulamento de Weimar: “Também é muito barato o fato de que os alunos sejam colocados na mesma sala, ao mesmo tempo, e juntos sob o mesmo professor, aprenderem a mesma coisa” (art. 7). Neste artigo, se não constassem os termos “professor” e “alunos”, daria a impressão de que estava definindo a produção manufatureira. Logo a seguir, no mesmo Regulamento, lê-se: “Que os moços e as moças sejam colocados juntos ao mesmo tempo para aprenderem a mesma coisa; é mais barato” (art. 7). Compete à administração escolar a função de uniformizar o trabalho:

“Cabe ao professor ensinar para o conjunto de alunos e reservar um período em que ele próprio faz a leitura, mas nunca para um aluno isolado; a introdução às lições também deve ser feita para todos os alunos de uma só vez. Nunca fazê-lo apenas para um aluno; sempre para todos, de uma só vez e ao mesmo tempo” (Regulamento de Weimar, art. III).

O último tema pedagógico de Ratke: o Método de Ensinar ou a Arte de Ensinar. A homogeneidade do ensino é assegurada por Ratke que faz concentrar os estudos a partir de um método rigoroso e único e a partir de um só professor que utiliza procedimentos prescritos, seguindo o emprego de tempo previsto pela autoridade:

“Nenhum professor está autorizado a tomar a iniciativa de modificar na sua sala de aula qualquer que seja seu ensino ou estudo, que não esteja prescrito pelo soberano e pelos inspetores gerais. Caso alguém tiver uma melhoria de ensino, deve submetê-la ao soberano e aos inspetores” (Funções do Soberano, cap. VII).

A nova concepção de tempo que o início da Modernidade trouxe também se reflete na proposta educacional de Ratke: “Os professores devem ter o cuidado com o emprego de tempo previsto (...) As aulas têm hora certa para começar e para terminar”. (Id., cap. V)

Ratke empenha-se em apresentar um método objetivo para o ensino a todos. Junto à criação de instrumentos de trabalho didático para a escola - os manuais - a arte de ensinar tem prioridade absoluta sobre os conteúdos. É o método que garante a unidade da educação e a universalização do ensino.

As propostas educacionais de Ratke estão presentes no Regulamento de Gotha que foi elaborado por Reyer, depois da morte do mestre. Afirmam os historiadores da educação que também Comênio está muito presente neste Regulamento. Vamos listar algumas prescrições para a arte de ensinar, ainda não comentadas neste estudo:

- suspensão das aulas em épocas das colheitas;
- o professor faz a recuperação das lições para crianças que se encontravam doentes;
- a “Caixa de Deus” da paróquia há de fornecer gratuitamente o catecismo;
- o professor deve saber trabalhar perfeitamente os manuais e segui-los rigorosamente;
- toda a arte de ensinar vem acompanhada de ilustrações; se não as tiver, as crianças devem desenhá-las. Para isso, há a disciplina Desenho;
- as crianças têm direito de acesso a todos os objetos que forem ensinados. Por isso, a escola deve ter uma espécie de museu em que se encontram as coisas ensinadas: ampulheta, relógio de sol, ervas, arbustos, etc. É o que se chamou mais tarde “Lição das Coisas”. Em cada sala de aula há um calendário para se entender a posição da lua, e os astros, na disciplina Astronomia;
- quando se ensina matemática, as crianças devem fazer metragens em solos planos e utilizar o pêndulo do pedreiro; o ensino de ângulos retos vem acompanhado com demonstração em desenho e com experiência no solo; pode-se utilizar o mapa das demarcações de terras feitas pelo principado; quando se ensinam as ciências naturais, o professor levará as crianças e os jovens para os locais em que se possa demonstrar a lição; por exemplo, verificar in loco onde se mata um porco para aprender onde se localizam no corpo os diversos membros, situação parecida ao organismo dos seres humanos;
- todas as matérias devem ser repetidas (reforço) nas sextas-feiras;
- o ensino sobre o terremoto deve ser demonstrado com a situação de se descarregar pedras de uma carroça de uma vez quando, então, as janelas vibram; a velocidade do som, através de uma machadada em árvore dada a mil varas de distância ou através de um tiro de carabina; os pontos cardeais, através da localização do altar da igreja que sempre está no rumo do nascer do sol; leguminosas e verduras em hortas devem favorecer a demonstração de um ensino sobre raízes etc.; o salgueiro é importante para tirar o suco e para servir de proteção à erosão nas margens dos rios.

3. O MÉTODO: INSTRUMENTO QUE GARANTE A UNIDADE DO PENSAMENTO

A relevância dada ao método de ensino indica o caráter inovador do pedagogo alemão. Construir

instrumentos era a ordem do momento histórico do início do capitalismo.

Por que Ratke revolucionou o método e não o conteúdo do ensino? O conteúdo do ensino era o religioso em grande parte e este não tinha necessidade de ser renovado; ao contrário, tinha que ser conservado e transmitido através de um bom e inovador método.

Tanto é verdade que o livro “De Revolutionibus” de Copérnico não faz parte dos conteúdos propostos pelos manuais de Ratke e de seus colaboradores. Galileu e o telescópio também não tinham assento nas salas de aula de Ratke. A sua pedagogia manteve-se fiel à idéia de uma natureza organicamente harmoniosa; nela não há indícios de uma concepção sobre uma natureza mecanicamente em concordância ou de uma concepção científico-natural. Se é possível pressupor que o racionalismo de seu método revela a prática do trabalho manufatureiro, como escreve ALVES, uma prática objetivada, racionalizada e universalizada, deve-se completar que a consciência social de Ratke e de Comênio enraíza-se na concepção de uma harmonia universal e do irracionalismo social de cunho religioso. O racionalismo do método convive com o conteúdo do irracionalismo religioso. (V. HOFF. INTERMEIO). A luz da natureza e da religião são bases indiscutíveis na concepção de Ratke: “A concepção geral da escola cristã deve ser erigida e mantida a partir da Sagrada Escritura, da Natureza e das Línguas, numa verdadeira harmonia entre a Fé, a Natureza e as Línguas” (Manuscritos de Gotha).

No seu tratado sobre a ética, Ratke protege-a com a lei natural, eterna e intemporal (V. O Ensino da Moral das Escolas Cristãs, p17). A natureza deu, também, ao homem bons meios e boas ocasiões de descobrir os instrumentos e, ao mesmo tempo, mostrou-lhe o uso correto dos instrumentos que, por sua vez, demonstram claramente a utilização correta das coisas e a maneira mais rápida de aprender com maior segurança e maior facilidade. O ser temporal-histórico em que está inserido Ratke ainda não estava às voltas com a construção de instrumentos de produção, mas preocupava-se com a construção dos instrumentos de trabalho. No Livro 3, cap. I, Ratke escreve que os instrumentos servem também para captar tudo e a tudo reter por muito mais tempo e com menos fadiga. (V. RIOUX, p. 122-3)

Existe também, de acordo com a natureza, uma ordem nos instrumentos e nas coisas. Estas precedem àqueles. E isto pode ser comprovado pelos seguintes pontos: 1. A natureza faz conhecer em primeiro lugar as coisas antes dos instrumentos; esta é a sua ordem; 2. Devem-se expor as coisas antes dos instrumentos; 3. Os instrumentos são inventados em função das coisas; 4. Para a inteligência esta ordem é cômoda, mais razoável e lhe exige menos fadiga. 5. Os exemplos, para explicar as regras, devem ser tirados das coisas e não dos instrumentos (RIOUX, p. 124).

A concepção de uma natureza organicamente em harmonia remete o estudo à filosofia e à ciência.

Até o século XVII, a filosofia e a ciência eram inseparáveis. Esta afirmação de Heller (p. 307) explica que cientistas, como Copérnico (1473-1543), Kepler (1571-1630), e Galileu (1564-1642) não entravam nas aulas de Ratke e de Comênio. Há fortes comprovações, para quem os lê e os relê, que Ratke e Comênio ensinam nos seus livros didáticos uma terra fixa, central no mundo; não se aventuravam ao heliocentrismo. A ciência estava muito dirigida para a formação do homem cristão e não para descobrir as leis

da natureza. E isto vai durar até a morte de Galileu.

A filosofia da natureza e a ciência natural também não eram diferenciadas da experiência da natureza. A relação emocional entre os homens e a natureza era feita sem a mediação da ciência. O macrocosmo dos filósofos da natureza é reproduzido no microcosmo e resulta numa grande harmonia natural.

Por essas razões, Copêrnico não entrou nas aulas de Ratke.

Em Kepler, as leis das estrelas eram análogas às leis da música, ambas se fundando na harmonia dos números, de acordo com os neopitagóricos e Vitorino da Feltre; ou de forma mais ampla, de acordo com o Quadrivium. Mas, a partir de suas obras maduras, a realidade e a natureza deixaram de ter uma estrutura orgânica e foram captadas mecanicamente estruturadas. O universo não se apresentava mais como um ser divino, mas deveria ser visto como um relógio divino. O princípio que movia o universo para os renascentistas era o espírito, a alma do mundo, a “força”; este princípio tornou-se mecanicista em Kepler. Com a imagem mecanicista nasceu a ciência natural propriamente dita. Comênio e Ratke, a despeito da valorização que deram à Física e à Matemática, - aquele mais do que este - não permitiram que Kepler penetrasse em seu ensino. Para eles o universo era um ser divino, perfeito, com uma estrutura orgânica e harmoniosa.

Se estabelecemos um diálogo entre Ratke e Comênio é porque a filosofia da natureza lhes era comum; a ciência natural, a ciência para conhecer a natureza, era mais acentuada em Comênio. No entanto, ambos ainda não tinham as condições objetivas para atuar num universo de transformação da natureza e aplicar seus resultados à produção.

A filosofia e a ciência eram inseparáveis em ambos. A observação e a experiência figuravam como bases comuns nos seus métodos, mas a natureza e a natureza humana não eram concebidas como um resultado da atividade dos homens, antes como um auto-movimento.

Como se percebe, à base da harmonia está a legitimação do natural. Uma natureza concorde com a natureza humana não significava uma natureza humana igualitária. Os pedagogos ainda tinham muito presentes a violência das armas na Boêmia, dos anabatistas em Münster e o início das guerras religiosas, para se deixarem guiar por conteúdos revolucionários.

No cultivo do pensamento único, a harmonia global fundava uma concepção unitária a explicar o universo. Dessa forma, o método ou a arte de ensinar tornam-se prioritários sobre os conteúdos, principalmente quando estes trazem o perigo de revolucionar a concepção de mundo.

UMA CONCLUSÃO: A PEDAGOGIZAÇÃO DA TOTALIDADE SOCIAL

A tentativa de expressar um pensamento único, baseado na crença e na unificação da língua alemã erudita e da pátria alemã, era a característica de fundo para Ratke criar seu “Método de Ensinar”. O início da Modernidade apresentava a produção das manufaturas simples e com ela estava posta a produção de instrumentos de trabalho. É uma outra característica que influencia Ratke não somente na proposta de um ensino útil e prático como também de uma arte de ensinar que tivesse a mesma configuração do trabalho das manufaturas iniciais.

A mesma tendência em “naturalizar” um pensamento único expressa-se hoje em tempos de educação neoliberal. Encontramos temas e práticas educacionais inventados, recriados e utilizados por Ratke no começo do século XVII, adaptados às novas situações históricas da globalização que os acolhem. Vamos listar alguns temas e aspectos:

- as funções do Estado em mobilizar e coordenar uma ampla iniciativa em relação à educação para todos;
- o compromisso do Estado e da sociedade para a educação básica;
- a chamada à sociedade civil para participar na prática educacional’;
- a proposta de uma escola única;
- o auxílio do método monitorial, com para-professores na alfabetização;
- ensino público com característica de utilidade prática, sem muito conteúdo;
- uniformização do ensino através do método e da utilização de livros didáticos;
- universalização da educação através da diminuição de recursos financeiros
- métodos de ensino dirigidos para o trabalho produtivo, para o ensino útil;
- controle sobre a administração do ensino através de inspetores.

A idéia que queremos propor à reflexão dos educadores não é a de que, hoje, estão sendo recriados estes temas e aspectos educacionais do passado acima listados. Estes são, por assim dizer, universais. O que pretendemos concluir, ao enumerarmos propostas passadas retomadas no mundo globalizado, é que o passado que está presente no presente constitui no educador uma dimensão que se encontra em seu interior. Em épocas de crises - quando o capital tem dificuldades em se reproduzir, como foi o caso da reprodução simples da manufatura à época de Ratke, e no caso da crise do capital financeiro, hoje em dificuldades para se valorizar - recorre-se à educação como barco de salvação da sociedade. E isso está claro nas conferências citadas no início deste estudo: à educação cabe a tarefa da reorganização da sociedade, do papel de capital humano, da formação para o trabalho e, até, da diminuição de novos nascimento de seres humanos porque o capital não consegue sustentar uma tamanha população.

É neste momento de crise que são recriados temas educacionais do passado, principalmente, métodos para reorganizar a sociedade e para “naturalizar” os “novos tempos”. Nessa situação de crise, buscam-se os fantasmas do passado que, em épocas posteriores, por certo serão conjurados.

O conjunto de instrumentos educacionais que hoje é reproduzido aponta, tanto lá como cá, para a utilização da educação em geral e do ensino em particular na função de “naturalizar” e legitimar os tempos da globalização, sob o domínio do capital financeiro. Esta tentativa foi e é autoritária. Pressupõe sempre a pedagogização da totalidade social.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Luiz Alves. **A Produção da Escola Pública**. São Paulo: UNICAMP, 1998.
- COMÊNIO, João Amós. **Didáctica Magna: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- HELLER, A **O Homem do Renascimento**. Lisboa, Ed. Presença, s/d
- HOFMANN, F. **Das Schulbuchwerk Wolfgang Ratkes zur Allunterweisung**. Ratingen:Aloys Henn Verlag, 1974.
- KOFLER, L. **Zur Geschichte der bürgerlichen Gesellschaft**. Hamburg. Verlag GMBH, 1966
- MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Economistas).
- RATKE, W. **Allunterweisung**. Ratingen:Aloys Henn Verlag, 1974
- RATKE, W. **Die SittenLehr der Christlichen Schule**. Oberhausen:Context-Verlag, 1994.
- RATKE, W. **Etliche Punkten, auf Welchen die Didactica oder Lehrkunst beruhet**. Halle: Hohendorf, 1842.
- RIOUX, G. **L'Oeuvre Pédagogique de Wolfgangus Ratichius**. Paris:J. Vrin, 1963.
- ROSSI, P. **A Ciência e a Filosofia dos modernos**. São Paulo: UNESP, 1989